

ANGU DE SANGUE: MENSAGENS E IMAGENS SOBRE O DESAMPARO SOCIAL

MARCIO ROBERTO PEREIRA (UNESP/ASSIS), SIDNEY BARBOSA (UNESP/ARARAQUARA).

Resumo

O trabalho visa ao exame da obra de Marcelino Freire, *Angu de sangue* (2000), a partir de uma poética de identidade com o negro e das experiências narrativas de personagens que participam de um espaço de exclusão, violência e exílio social. Tematicamente, de forma geral, o livro trata da morte e da bestialidade humana de maneira crua e sem idealizações. Os personagens lutam pela sobrevivência de forma cruel e denotam o sofrimento, a revolta e o desespero daqueles marcados pelo abandono social em nosso país. Além da construção literária da obra, outro aspecto que chama a atenção é o trabalho com ilustrações que também remetem ao mundo da fome e da miséria e, ao mesmo tempo, da morte e do desespero. Radiografias misturadas a colheres e garfos compõem uma das ilustrações da obra que, de forma impressionante, dialoga com a luta pela sobrevivência de personagens que vivem o cotidiano de desrespeito, ou exílios, sociais, políticos e culturais, diante da total indiferença da sociedade. Ao propor uma análise dos contos de *Angu de sangue*, o trabalho aqui apresentado busca refletir sobre uma possível poética da exclusão, da miséria e da morte, decorrente do tratamento temático dado aos dezessete contos que compõem a obra, em diálogo com imagens que ilustram os contos e referências ao contexto urbano dos excluídos, representado nas páginas de jornais, revistas e noticiários de televisão. Finalmente, pretende-se inserir tal poética num movimento intelectual e artístico mais amplo de revelação da brutalidade e do abandono dos marginalizados ainda presente na sociedade brasileira, que marcaria forte tendência da literatura brasileira contemporânea.

Palavras-chave:

exclusão, Marcelino Freire, *Angu de sangue*.

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens - é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento. (BENJAMIN, 1994, p. 195)

Tendência da narrativa contemporânea, o retrato da realidade por meio de relatos que envolvem a experiência do cotidiano é um dos primeiros traços da obra **Angu de sangue**, de Marcelino Freire, publicada em 2000. Nota-se que a partir da modernidade, a crise da experiência é marcante para a crise do narrar, idéia essa defendida por Walter Benjamin já em 1936, no célebre ensaio "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", ao retratar o processo de dissociação do contador de histórias e o romancista.

No **Angu de sangue**, a recuperação da linguagem oral, por meio de narrativas entrecortadas pela violência, o caos e a exclusão, formam um painel urbano das vozes daqueles que vivem numa zona de exclusão e abandono. Como define Adorno: "Desintegrou-se a identidade da experiência - a vida articulada e contínua

em si mesma – que só a postura do narrador permite. (...) Narrar algo significa, na verdade, ter algo especial a dizer e justamente isso é impedido pelo mundo administrado pela estandarização e pela mesmidade". (ADORNO, 1980, p. 269)

Substitui-se a experiência empírica do real pela observação de uma realidade que ganha vida numa espécie de mundo à deriva. Do ponto de vista desse mundo, as personagens de Marcelino Freire observam e são observadas em diferentes realidades, com vozes dissonantes que agem umas sobre as outras e relacionam-se por meio de modos de violência que atingem a todos.

Assim como existe a variedade de vozes no conjunto de contos que compõem o **Angu de sangue**, existe a variedade de formas de expressão da violência. Não se trata apenas da agressão cotidiana, mas também da violência verbal, da violência física, do abandono e, por fim, da estilização da violência por meio da representação de cenas (escritas ou sob a forma de imagens que compõem a obra) que adquirem um aspecto de normalidade frente a um cotidiano caótico e de desamparo social.

A violência nem sempre é retratada de forma física mas também relacionada, muitas vezes, à perda de sensibilidade nas relações humanas. Destaca-se um processo de valorização das relações sociais em que a luta pela sobrevivência, a luta pelo angu, recria uma galeria de crônicas urbanas ou jornalísticas sob a forma de fiapos e fragmentos de cenas de exploração.

Assim, todos os personagens que compõem os contos da obra de Marcelino Freire possuem traços estilizados que fazem o leitor aprofundar-se numa linguagem de estranhamento e em situações cotidianas que são mais representativas pelos gestos e ações que propriamente pelos caracteres dos personagens. Estes são apenas grãos dentro de um angu que mistura todos numa massa que unifica narrador, personagens e enredos. Sobra apenas o retrato, ou antes a radiografia, como propõem algumas ilustrações da obra, de uma realidade daqueles que lutam pela sobrevivência de forma cruel e denotam o sofrimento, a revolta e o desespero daqueles marcados pelo abandono social em nosso país. Segundo Antonio Candido "a brutalidade da situação é transmitida pela brutalidade de seu agente (personagem), ao qual se identifica a voz narrativa, que assim descarta qualquer interrupção ou contraste crítico entre narrador e matéria narrada". (CANDIDO, 1997, p. 212-13)

Como o angu, comida feita a partir de misturas, os dezessete contos misturam personagens que possuem em comum uma realidade – a farinha do angu – a ingredientes que compõem a banalização da morte e ao exercício cotidiano da violência.

No entanto, é um tipo de violência entranhada num cotidiano que não se altera ou produz sensações de desconforto ou estranhamento. Existe uma estetização da violência e da injustiça social em que o sangue é um ingrediente banal: seja o sangue do lutador que escorre de uma luta em que é observado pela mulher que, por sua vez, faz um balanço de seu casamento, no conto "Os casais", seja na indiferença da mãe que tenta dar a filha para um desconhecido, no conto "O caso de menina", em que a relação de consangüinidade nada vale para a mãe. A criança é apenas um objeto a ser descartado. Ou como o lixo no conto "Muribeca" representa o sangue de uma família: "Tenho fé em Deus, com a ajuda de Deus, eles nunca vão tirar a gente deste lixo. Eles dizem que sim, que vão. Mas não acredito. Eles nunca vão conseguir tirar a gente deste Paraíso." (FREIRE, 2000, p. 25).

No conto "Angu de sangue" a mistura de ilusão e realidade, relação social e relação amorosa criam uma situação em que a violência é a solução, e ao mesmo tempo o empecilho, para a resolução de todos os problemas. Nesse caso, observa-se que o amante assassina a namorada, é assaltado no trânsito, leva o bandido ao apartamento, onde também o mata. É a violência marcada pela circularidade das personagens que convivem com formas variadas de opressão, tendo a ferocidade como um elemento inerente ao ser humano.

No conto "Angu de sangue" a narrativa inicia e termina com uma mesma cena dentro de um automóvel, símbolo máximo da modernidade e da individualidade do homem da cidade moderna. Ao mesmo tempo, é símbolo de distanciamento de estruturas sociais distintas. Essa violência marcada pela circularidade é uma constante da lembrança do homem e de sua relação com a opressão: "Quando o bandido entrou e meu carro, eu pensava em Elisa, nervoso, tentava esquecer o inferno que foi a nossa briga. Nem tive tempo de fugir do ladrão, nem de escapar daquele pensamento. Preso no sinal de trânsito." (FREIRE, 2000, p. 69)

Nota-se que o narrador é sufocado por situações e cenas que denotam vários aprisionamentos: o amor não realizado, a insegurança perante o ladrão que aparece, o pensamento fixo na imagem da amante, o aprisionamento do sinal de trânsito. Em suma, a própria narrativa marcada pelo movimento circular numa espécie de Sísifo moderno que não escapa de seu sofrimento. No entanto, no decorrer do conto observa-se que o dínamo irradiador de toda a violência é o próprio narrador que considera a brutalidade e a ferocidade como uma espécie de defesa frente ao outro: "Fiquei sem entender, ora, o que acontece com a nossa cidade, no coração de São Paulo vejo a cara feia de um revólver". (FREIRE, 2000, p. 69) Essa também é a solução estética para a representação da violência em muitos contos de Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, entre muitos escritores que retratam o pulsar da violência e suas manifestações.

Atônito num turbilhão de relações, o narrador age como se a sua violência em relação à namorada Elisa – agressão física e verbal – e em relação ao bandido, que é assassinado no final do conto, fosse legítima. Como se garantisse ao possuidor de uma posição social – dono do carro, do cartão de crédito, do cheque – o uso da agressividade como elemento de defesa em meio ao caos urbano.

O narrador entranhado

O narrador no Angu de sangue aproxima-se de um cronista ao fazer um retrato de pequenos dramas sociais nos quais diferentes personagens se confrontam numa mistura social. A pós-modernidade busca apagar as fronteiras ideológicas e sociais mas não consegue inserir uma grande massa que vive à margem de todo o desenvolvimento. Aqui o retrato da violência é estático, ou coagulado como o sangue vindo de um ato de violência, por meio de uma escolha vocabular que traz um corte seco e árido para ilustrar tramas que poderiam aparecer nas colunas policiais dos jornais. A escolha dos títulos também lembra expressões que se tornaram frases feitas – "Moça de família", "Volte outro dia", "Filho do putô", "Faz de conta que não foi. Nada", "The End" – ou títulos que, no diminutivo, buscam um fiapo de humanidade em personagens marcadas pela opressão: "Belinha" e "Socorrinho".

Esses títulos e a linguagem seca e ácida juntam-se ao aspecto gráfico da obra, que é repleta de imagens em vermelho, verde e preto, e que possui figuras de negação da idealização do espaço e da narrativa: um pardal morto, uma bola furada, rostos transfigurados, radiografias humanas, grãos de milho que, juntos, compõem um mosaico da pulsação da vida e da morte. A morte é marcada pela utilização da cor

preta, a vida pela utilização do verde e o pulsar da vida e da morte é apresentado sob o vermelho que tinge quase toda a obra.

O espaço da cidade é caracterizado por elementos visuais que aparecem em *Angu de sangue* como fragmentos de uma realidade em seu estado bruto, vinculando o narrar ao aspecto visual e criando um realismo mediado pelo impacto direto com a realidade. Nenhum dos contos da obra possui um final bem definido ou um desenlace feliz, mas são cenas que se interligam pela opressão e pela estetização da violência.

Outro traço importante que liga as mensagens da obra ao variado número de imagens é o tratamento com a infância e adolescência. Muitos contos retratam esse tema e quase todas as figuras — bola, pardal, rostos de crianças — remetem a um contexto de fragilidade e sofrimento, pois, como define Tânia Pelegrini (PELEGRINI, 2005)

A literatura, como sabemos, ao imobilizar ou fixar a vida por meio do discurso, transforma-a em representação. Nesse sentido, como ela permite fazer também uma espécie de teste dos limites da palavra enquanto possibilidade de expressão de uma dada realidade, em se tratando de uma matéria como essa, a exploração das possibilidades de transgressão ditada pelas situações mais extremas - o sexo, a violência, a morte - cria temas "necessários" para o escritor (não mais para o etnógrafo) que, por meio deles, garante um interesse narrativo (para o leitor) escorado na antiquíssima catarse aristotélica, em que o terror e a piedade, a atração e a repulsa, a aceitação e a recusa são movimentos inerentes à sedução atávica atraindo para o indizível, o interdito, para as regiões desconhecidas da alma e da vida humanas. (p.142)

A construção da narrativa de Marcelino Freire, em *Angu de sangue*, marca uma relação de dependência entre os meios utilizados para conferir ao leitor uma totalidade frente às cenas da vida urbana. Pedacos de histórias, fragmentos de imagens, frases entrecortadas, enredos centrados em cenas sem idealismo mostram, visual e literariamente, o pulsar de um cotidiano que, desde a poesia de Baudelaire, marcada pelo fragmentário, recolhem os restos e as sobras de vidas que não mais se surpreendem com o caos, a violência e a exclusão. Nesse entrecruzar de vozes e visões sobre a realidade o narrador de *Angu de sangue* toma o lugar dos antigos contadores de história, não para trazer a voz da experiência para seus leitores, mas para tentar resgatar a humanidade perdida entre escombros e ruínas de uma sociedade. Sociedade essa que constrói fronteiras invisíveis entre realidades distintas, mas que convivem entre si e mostram os descompassos que regem o mundo moderno. Cabe ao narrador trazer a voz da denúncia acompanhada de imagens de natureza morta que pulsam a vida.

Assim o narrador se utilizará de um discurso direto — em sintonia com o impacto das imagens — no qual o outro sempre é um empecilho, como no caso do conto "Volte outro dia", em que a insistência de um mendigo incomoda o narrador com a sua simples presença. Mesmo quando o mendigo vai embora o narrador se irrita ao ouvir a campainha, mas se tranquiliza ao saber que era o entregador de pizza.

Nota-se que o narrador não se comove com a condição do mendigo, demonstrando a banalização da miséria, da exclusão e do outro frente a um mundo de comidas entregues em casa, televisão, muros que separam o homem moderno do submundo que vaga pelas ruas. "Volte outro dia", expressão que joga o problema social ou a violência simbólica para o futuro, para outros tempos porque o narrador tem urgência de viver sua condição de "cidadão que não é obrigado a servir o próximo." O próximo deve ficar no espaço da rua, espaço esse da violência e da

agressividade. "Tantas ruas, casas, cabeças, por que logo a minha? Eu tenho direitos. O Governo conserte suas negligências. O Governo que se ocupe. Porra, e logo eu, solteiro e sem compromisso, depois de ter trabalhado o dia inteiro." (FREIRE, 2000, p. 41)

Esses testemunhos fragmentados da realidade mostram o espaço da rua que se contrapõe ao espaço da casa e cria identidades heterogêneas que lutam pela sobrevivência de forma agressiva e sem se importar com o sofrimento alheio. Talvez a literatura tenha a função de humanizar ao propor uma desautomatização do leitor por meio de relatos compostos por vozes, muitas vezes veladas, como a do mendigo do conto "Volte outro dia", para propor um novo olhar sobre a realidade. Assim como as imagens que aparecem na obra e demonstram que por trás das cenas de morte é possível refletir sobre a vida.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. Posições do narrador no romance contemporâneo In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1980.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: ———. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: ———. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

FREIRE, Marcelino. **Angu de sangue**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

PELEGRINI, Tânia. As vozes da violência na literatura brasileira contemporânea. In: **Crítica Marxista**. (São Paulo), Rio de Janeiro, v. 21, p. 132-153, 2005.

PEREIRA, Carlos Alberto M. (Org.) **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.